



JUNHO 2016

boletim CDOC #13

EDITORIAL...

Por estes números vamos desvendando, a pouco e pouco, os documentos que são resgatados do esquecimento pelo trabalho persistente e resiliente da equipa do Museu Municipal de Loulé há mais de 20 anos. No dia 25 de maio comemorou-se o 21.º aniversário do Museu e apresentou-se a página web, onde a partir de agora pode consultar estes Boletins. Continuem a partilhar connosco as vossas (nossas) memórias para construir a nossa identidade contemporânea.

Boas leituras e boas partilhas!

ESCOLHEMOS PARA SI...

...NO CENTRO DOCUMENTAÇÃO

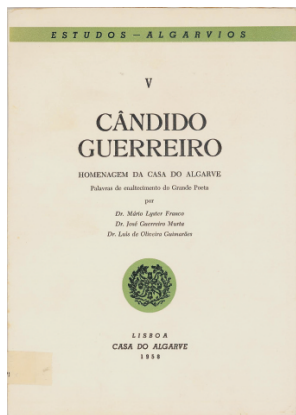
O ALGARVISMO TOTALITÁRIO DE CÂNDIDO GUERREIRO NAS PALAVRAS DE JOSÉ GUERREIRO MURTA IN CÂNDIDO GUERREIRO: HOMENAGEM DA CASA DO ALGARVE (1958)

A Casa do Algarve, em Lisboa, foi fundada em 26 de fevereiro de 1930 visando unir todos os algarvios, defender o progresso intelectual, moral e material do Algarve e enaltecer as belezas naturais e excecionais condições climáticas desta região qualificada como estação turística. Atingir estes objetivos envolvia a organização de congressos, exposições, sessões solenes, conferências, cursos e outros eventos não só de caráter regional, mas também nacional. Um desses eventos foi a homenagem póstuma prestada a Cândido Guerreiro (1871-1953) em 5 de Dezembro de 1953, oito meses após a morte do poeta alentejano. No salão nobre da Casa do Algarve decorreu então uma sessão consagrada à vida e obra de Cândido Guerreiro na qual "usaram da palavra os Srs. Drs. Mário Lyster Franco, José Guerreiro Murta e Luís de Oliveira Guimarães." Estas dissertações foram publicadas em 1958 no 5.º volume, Série Literatura, dos "Estudos Algarvios", coleção dirigida pela Comissão Cultural da Casa do Algarve. Através da leitura da mesma publicação há uma ideia que sobressai: o forte apego de Cândido Guerreiro à sua terra natal. Embora todos os intervenientes tenham sublinhado esta vertente do poeta, José Guerreiro Murta (1891-1979), outro louletano e algarvio convicto, é quem mais se detém sobre aquilo a que chama um "algarvismo totalitário" que levava Cândido Guerreiro "[...] a impor o Algarve a todos os amigos que o visitavam". Na sua conferência, intitulada "Vida e Obra de Cândido Guerreiro", José Guerreiro Murta procura homenagear Cândido Guerreiro, com quem tinha uma forte relação de amizade, enquanto homem, poeta e algarvio. Nesse sentido, começa por traçar uma breve biografia do homenageado, salientando a sua passagem por Loulé, entre 1891 e 1899, e o seu altruísmo que o levava, apesar de algumas privações que

passava na época, a ensinar a ler os oleiros da vila sem exigir qualquer pagamento. Guerreiro Murta refere também a ação de Cândido Guerreiro enquanto Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Loulé (1912-1918), nomeadamente os seus esforços no processo que levou à instalação da luz elétrica na vila, em 1916, bem como a persistência junto do Governo para a criação na mesma vila de uma escola de ensino técnico. Depois deste esboço de Cândido Guerreiro enquanto homem, profissional e político, José Guerreiro Murta procura então retratá-lo como algarvio e poeta. Começa por dizer: "Cândido Guerreiro era algarvio por exigência de todas as fibras do seu corpo e solidariedade de todas as inclinações da sua alma. Só a sua província o emocionava; só com temas algarvios atingia a forte vibração criadora." Apesar de tal como Mário Lyster Franco (1902-1984) admitir a vertente filosófica dos primeiros sonetos e a importância da fase coimbrã na sua obra, Guerreiro Murta sublinha quão mais criativa e artística era a poesia escrita por Cândido Guerreiro tendo por base o Algarve: "O Algarve das

noites de luar enamoradas, o Algarve das trigueiras gentis e das mours encantadas, o Algarve embalado pelas ondas, o Algarve de D. Afonso III e do Infante D. Henrique, o Algarve do Futuro, sugestiona-o, domina-o, mantendo o seu espírito em êxtase permanente, o seu coração num encantamento de eterno devaneio". Para Guerreiro Murta, Cândido Guerreiro era um poeta "estruturalmente algarvio" e foi do seu "algarvismo" que brotaram alguns dos seus melhores escritos, tais como: *Rosas de Santa Maria*, *Promontório Sacro* e *Avante Santiago*.

José Guerreiro Murta termina a sua intervenção com o desejo de que o poeta seja lembrado com "[...] recitais de versos sobre o luar e sobre as amendoeiras em flor; e que a sua campa fosse juncada com as flores brancas que ele cantou."



CDoc n.º 1680
25 x 17 cm

...NA HEMEROTECA

O ALGARVE, UM SEMANÁRIO INDEPENDENTE E RESILIENTE

Publicado por mais de um século, *O Algarve*, semanário farenses, foi fundado em 29 de Março de 1908 por Artur Águeda de Miranda, o seu primeiro diretor, e Luís Pimentel Mascarenhas. Os seus fundadores, ambos oriundos do extinto jornal *Algarve e Alemtejo*, objetivavam criar o primeiro órgão de imprensa totalmente apartidário, daí a escolha de *Semanário Independente* para subtítulo de *O Algarve*. De facto, embora após a Implantação da República, em 5 de outubro de 1910, se tenha definido como órgão republicano, pois os seus dirigentes haviam aderido ao novo regime, *O Algarve* procurou sempre manter uma posição independentista, alheia às quezílias partidárias, mas não destituída de visão crítica, chegando mesmo a ser intransigente no que dizia respeito à defesa dos interesses da Província. Esta postura, assim como a resiliência apresentada pelos seus dirigentes e colaboradores desde a fundação do jornal, permitiram que *O Algarve* não só tivesse sobrevivido à problemática conjuntura económico-social originada pela participação de Portugal na I Guerra Mundial (1914-1918), como se afirmasse

como um órgão de referência regional. Durante este período colaboraram no Algarve distintos intelectuais algarvios como Salazar Moscovo, José Vieira Branco, Bernardo de Passos, Ludovico de Menezes, entre outros.

A partir de fevereiro de 1920, por morte de Luís Mascarenhas, ascendeu à direção de *O Algarve*, José Ferreira da Silva, figura carismática que primou, até 1949, data da sua morte, por manter ininterrupta a atividade e a periodicidade do jornal. Sucedeu-lhe o filho Artur Serrão e Silva que para conseguir que *O Algarve* continuasse a ser publicado teve até de vender os bens da família, nomeadamente as terras de Gambelas.

Nos anos seguintes e até à década de 80 do século XX, *O Algarve* passou por diversas dificuldades que alteraram a sua paginação e a sua periodicidade. Em 10 de dezembro de 1980, após a morte de Serrão e Silva, João Lopes Martins assina o editorial do n.º 3689 com o título "Alerta geral: É preciso salvar 'O Algarve'", no qual assume publicamente o compromisso de não deixar "morrer" *O Algarve* e incentiva todos os colaboradores do jornal a contribuírem para a manutenção e melhoramento do mesmo. Visando a melhoria da qualidade gráfica do jornal, Lopes Martins mandou imprimir *O Algarve* na Gráfica Almodina, em Torres Vedras. Também a qualidade jornalística se evidenciou através da renovação do corpo redatorial, reunindo um conjunto de colaboradores onde aos consagrados, como Joaquim Magalhães e João Leal, se juntavam jovens promessas como José Carlos Vilhena Mesquita, Luís Monteiro Pereira e Adérito Vaz. Esta fase, provavelmente a melhor de *O Algarve*, prolongou-se por 20 anos, durante os quais se sucederam na sua direção Joaquim Magalhães, Libertário Viegas, João Leal e Lopes Martins.

São também referentes a esta época os números do Algarve que possuímos na Hemeroteca do CDoc, nomeadamente os publicados entre 1973 e 1990. Durante este período, salientam-se as seguintes secções regulares: "Notas citadinas" (crónicas político-sociais e económicas sobre Faro), por A.M.; "Passeando por Faro", por Álvaro Pais; "Ao País... Recadinhos Sambrasenses" e "A Voz de S. Brás de Alportel" por F. Clara Neves; "O Algarve em Notícias" e "O Algarve Turístico" por João Leal, entre outras.

Destaca-se também um vasto número de artigos de cariz formativo e cultural que, a par da antiguidade do jornal, tornam *O Algarve* numa importante fonte para o estudo da História e Cultura do Algarve. De entre estes, enumeram-se alguns textos dispersos por diversos números, mas subordinados ao mesmo tema: "Filhos Ilustres de Faro", "Antiguidades Farenenses do Séc. XIX" e "Guia de curiosidades bibliográficas", por José Pinheiro e Rosa; "Crítica Literária" (nomeadamente, a subsecção "Espaço Algarvio") e "A Procissão das "Tochas" em S. Brás de Alportel", por José Carlos Vilhena Mesquita; "A Feira Franca de Lagos (subsídios para a sua história)" e "A Freguesia de Odeáxere (Do Concelho de Lagos)", por José António de Jesus Martins; "O Sotavento - passado, presente e futuro", por Isilda Martins.

Para além dos nomes já citados, durante a sua longa existência *O Algarve* contou com a colaboração de grandes vultos da cultura algarvia, desde Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa e Carlos Lyster Franco a Honorato Santos, José Pinheiro e Rosa, Antero Nobre, Marcos Algarve, Fernandes Lopes, entre tantos outros.

Apesar de marcado pela perseverança, pela resiliência e pela capacidade de adaptação e superação, infelizmente, o secular percurso de *O Algarve* foi interrompido em 2013.

Como estamos em junho, mês dos Santos Populares por excelência, terminamos com a transcrição de um artigo intitulado "Loulé comemora os Santos Populares" publicado no n.º 3806 de 22 de junho de 1983:

"Por iniciativa do Município, Loulé volta a comemorar os Santos Populares, reatando assim uma tradição que esteve ausente durante muitos anos. Já assim aconteceu em véspera de Santo António e de novo a vila louletana viverá em clima de verdadeira confraternização popular as vésperas de São João (dia 23) e São Pedro (28), através dos arraiais instalados nas ruas da Esparguina e dos Canos e no Largo da Matriz, locais que são quadros vivos da tradição.

Com ornamentações próprias, a participação de marchas e ranchos folclóricos, no ambiente dos mastros como expressão popular e a música de acordeonistas, além dos petiscos, das fogueiras, do reviver de toda a tradição deste mês de Junho em que aquele Município, tal como em tudo o que se refira à defesa do património, está interessado em preservar e fazer reviver."



...NA FOTOTECA

Em mês de Santos Populares, apresentamos este conjunto de doze negativos que retratam um baile de mastro junto às Bicas Velhas, em 30 de Junho de 1974. Através da conversão digital dos negativos, desvendámos estes registos interessantes que contam como a juventude louletana dos anos setenta se divertia por ocasião das Festas dos Santos Populares.

Em mudança de tempos, mudam-se também as tradições: os tradicionais cantares populares de outros tempos deram lugar a bandas musicais inspiradas no ié-ié, onde a juventude dança ao som dos êxitos da moda. Sobreviveram-lhe o saltar da fogueira de alecrim e as sortes da alcachofra, para que os Santos arranjassem um noivo virtuoso às raparigas casadoiras. Desde a Campina até à rua do Esparguina, o cheiro do alecrim denunciava os recantos da vila onde decorriam estes animados festejos.

Estes retratos são da autoria do fotógrafo Manuel Guerreiro de Brito, ou Sr. Brito, como era conhecido entre os louletanos. Proprietário do estúdio Foto Arte, era também conhecido como o zeloso funcionário da Biblioteca Municipal. Personalidade muito estimada pela nossa comunidade, pelo seu profissionalismo, brio e bom trato, foi também regente da Sociedade

Filarmónica Artistas de Minerva. Para além dos retratos de estúdio, por onde passaram muitos louletanos durante as décadas de 50 a 80, foi também o repórter dos pequenos e grandes momentos da história da nossa vila - sempre de máquina fotográfica em punho, registou um pouco de tudo: desde a visita do Presidente Américo Tomás a Loulé, em 1966, os aspetos do crescente urbanismo, aos encontros de amigos, casamentos, comunhões e batizados... tudo o que havia para fotografar!

Do seu vasto espólio, que se compõe de importantes registos para o conhecimento da história e das pessoas da nossa comunidade nas décadas de 50 a 80 do século XX, pouco chegou até nós. Estes negativos foram resgatados juntamente ao espólio do fotógrafo Corpas Viegas, entretanto falecido e cujo estúdio e algum equipamento tinha adquirido ao Sr. Brito.

As reproduções destes negativos poderão ser vistos na vitrina da Sala Polivalente do Museu Municipal de Loulé. Contamos com a sua visita!



DIVISÃO DE CULTURA, BIBLIOTECAS E ARQUIVO

WWW.MUSEUDELOULE.PT

MUSEU@CM-LOULE.PT / 289 41 45 36

SEG A SEX: 09H30-12H30 * 14H30-17H00



loulé
concelho